

**Sobre jovens e o “Dekassegui”: memórias e gerações
no Núcleo Celso Ramos, Frei Rogério,
Santa Catarina (1990-2011)**

*About youth and “Dekassegui”: memories and generations
in Núcleo Celso Ramos, Frei Rogério,
State of Santa Catarina, Brazil (1990-2011)*

Karoline Kika Uemura¹

Resumo: Fundado em 1965, o Núcleo Celso Ramos (município de Frei Rogério, Santa Catarina) foi um dos lugares de destino no Brasil para imigrantes japoneses até década de 1970. Na década seguinte, observa-se uma migração que parte do Núcleo Celso Ramos com direção ao Japão, intensificada na década de 1990. Percebendo o Núcleo Celso Ramos como um núcleo de imigrantes e emigrantes, a partir da História Oral, este artigo tem por objetivo problematizar memórias de migrantes destes dois fluxos, as quais perpassam por distintas temporalidades e conflitos geracionais na realização da festa *Sakura Matsuri* – Festa da Florada das Cerejeiras –, no Núcleo.

Palavras-chave: memórias, História Oral, migrações, Núcleo Celso Ramos, Frei Rogério (Santa Catarina).

Abstract: Founded in 1965, the Celso Ramos Settlement (in Frei Rogério, State of Santa Catarina, Brazil) was one of the places of destination in Brazil to Japanese immigrants until the 1970's. In the following decade, a migration begins from Núcleo Celso Ramos to Japan, intensified in the 1990's decade. Realizing the Núcleo Celso Ramos as a colony of immigrants and emigrants, based on Oral History, this paper aims to discuss memories of migrants from these two migration flows which run through by different temporalities and generational conflicts in the festival *Sakura Matsuri's* (Cherry Blossom Festival) in the colony.

Keywords: memories, Oral History, migrations. Núcleo Celso Ramos, Frei Rogério (State of Santa Catarina, Brazil).

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/ Centro de Ciências Humanas e da Educação – CCHE/FAED. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: kikaumura@hotmail.com

Introdução

Em agosto de 2011, os preparativos para o 14°. *Sakura Matsuri* – a Festa da Florada das Cerejeiras – já se iniciavam para esta festa que se realizaria no primeiro domingo de setembro. Este era um momento em que as flores de cerejeiras ainda vigoravam, ainda que durassem apenas por uma semana.

Organizada pelos integrantes do Núcleo Celso Ramos, através da Associação Cultural Brasil-Japão, esta festa ocorre no Parque *Sakura*, sede desta “colônia de japoneses”, no município de Frei Rogério, no Estado de Santa Catarina. As reuniões semanais rendem discussões a respeito do que vão apresentar: quais danças, quais lutas marciais, quais cerimoniais, o que comer, o que beber. Poderia ser uma festa como tantas outras, porém há algo nela que sempre chama a atenção: os detalhes do fundo do palco em branco e vermelho, as danças nas quais observamos algumas crianças vestidas de *kimono* dançando a música *Sakura*. Ou então, jovens moças de *kimonos* andando pela festa, com belos sorrisos, sempre dispostas a oferecer informações aos olhos curiosos, que logo reparam os detalhes deste lugar.

O *Sakura Matsuri*, no ano de 2011, também tinha uma novidade, algo que até então não havia acontecido: era organizado por uma maioria de jovens² – alguns deles, retornados do Japão – que, por meio de uma eleição, assumiram a direção da Associação Cultural Brasil-Japão em janeiro do mesmo ano. Segundo Flávia – uma das novas integrantes eleitas –, a associação “sempre foi governada por *isseis*” (primeira geração formada por imigrantes japoneses), e neste ano a mudança era a palavra de ordem.

Nas últimas horas do dia de domingo, os visitantes esvaziaram o Parque *Sakura*. No entanto, outra festa se iniciou. A transformação do ambiente foi enorme. Enquanto a contagem da arrecadação era feita em um dos edifícios (*kaikan*), os organizadores e alguns conhecidos se reuniram na área onde horas atrás as pessoas sentavam, comiam, bebiam e gargalhavam. Os sorrisos cansados diziam tudo: o quão trabalhoso era fazer o evento. Logo que a contagem foi realizada, todos se reuniram para conversar e os comentários sobre a festa começaram a aparecer: onde erraram, onde acertaram, onde poderiam ter colocado mais pessoas para dar conta do grande contingente de visitantes, o que foi desnecessário. Mas o mais interessante é que estas pessoas reunidas se autodefiniam como “jovens”, e

² Uso esta expressão, pois é como estes integrantes se auto-intitulam.

todos falavam de mudanças que deveriam ser realizadas e eram necessárias. As perguntas pairavam no ar: O que queriam mudar? Como se organizariam? E quem eram estes “jovens”?

Para este artigo, duas entrevistas foram priorizadas para análise e problematização de memórias e narrativas. Uma das entrevistas foi realizada em 2011 com Daniel, um imigrante japonês, naturalizado brasileiro, em sua casa, situada no município de Frei Rogério, no Estado de Santa Catarina. Aos seus 62 anos, Daniel iniciou a entrevista contando a respeito de sua vinda do Japão para o Brasil, em 1976. Inicialmente, sua narrativa não diz respeito à sua chegada ao Brasil, mas sim à vida que levava no Japão antes mesmo de ter a ideia de migrar.

Outra entrevista foi realizada com Flávia, aos seus 39 anos, no ano de 2009. Flávia é brasileira, nascida em Frei Rogério e filha de imigrantes japoneses. Aos 19 anos, em 1989, decidiu migrar para o Japão em um momento de dificuldades financeiras pelas quais sua família passava. Contudo, Flávia não apenas constrói sua narrativa sobre a experiência migratória no Japão – a sua inserção no mercado de trabalho japonês, as dificuldades, o cotidiano no Japão, o convívio com os japoneses e migrantes de outros países – mas também conta a respeito de sua forte relação com a colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos, desde a infância até o momento de sua entrevista.

As entrevistas realizadas com Daniel e Flávia permitem algumas observações quanto aos procedimentos metodológicos. A escolha dos entrevistados teve como base a faixa etária (de 20 a 70 anos), homens e mulheres que se dividem em dois grupos: o primeiro grupo é composto por *isseis* (primeira geração de japoneses que migraram para o Brasil entre as décadas de 1960 e 1970); o segundo grupo é composto por *nisseis* (primeira geração de descendentes de japoneses nascidos no Brasil), que migraram para o Japão entre os meados da década de 1980 e 2000. Daniel e Flávia fazem parte, respectivamente, destes dois grupos.³

A princípio, a história oral temática foi escolhida como norteadora das entrevistas. Assim como o historiador José Carlos Sebe B. Meihy e a historiadora Fabíola Holanda ressaltam, há um foco central na pesquisa (memórias e narrativas sobre as experiências migratórias de *isseis* e *nisseis*). Um dos procedimentos metodológicos foi a elaboração de um roteiro de

³ Uma terceira entrevista, realizada em 2009 com o agricultor José, também será brevemente referida no artigo.

perguntas que abordavam temas específicos, de acordo com o foco central. Segundo estes autores, no ato da entrevista, este gênero em história oral permite o recorte e a condução “a possíveis maiores objetividades” – o que não se refere a uma objetividade absoluta. No entanto, durante a realização das entrevistas, foi possível perceber que as narrativas construídas possuem um peso de subjetividade que ultrapassa as limitações das perguntas de um questionário. Não raro, os entrevistados constroem pontes entre suas experiências migratórias e memórias de infância, narram suas experiências como histórias de vida e ressignificam o passado no presente em que as entrevistas foram realizadas. Nas palavras de Meihy e Holanda, “histórias de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala”.⁴

As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas, diferenciando-se do que poderia ser chamado de “entrevistas livres”. No entanto, as narrativas são tecidas a partir de memórias de tempos múltiplos e descontínuos, memórias que irrompem, tornando-se distintas versões do passado. A partir das considerações do historiador Henry Rousso, a memória pode ser considerada uma “representação seletiva do passado”.⁵ A memória, como representação do passado, também é um processo individual, socialmente construído e compartilhado, trazendo contradições, semelhanças, porém nunca relatos iguais.⁶

Neste sentido, com base na metodologia da História Oral, este artigo tem por objetivo problematizar memórias de migrantes destes dois fluxos, as quais perpassam por distintas temporalidades e conflitos geracionais na realização da festa *Sakura Matsuri* – Festa da Florada das Cerejeiras –, no Núcleo Celso Ramos. Estas mudanças em curso permitem o diálogo com a História do Tempo Presente.

⁴ MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer como pensar. São Paulo: Contexto, 2010. p.35

⁵ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.93-101.

⁶ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, v.15, p.13-33, abril de 1997.

O Núcleo Celso Ramos “de braços abertos”: a criação do *Sakura Matsuri* e o Movimento *Dekassegui*

Em 2004, um livro foi publicado em comemoração aos quarenta anos de existência da colônia: *O Caminho dos 40 anos da Colônia Celso Ramos*.⁷ Este livro reúne diversos documentos, os quais foram criados em distintas datas, e selecionados pela Comissão para Compilação do Livro sobre os 40 anos da Colônia Celso Ramos; a Comissão foi composta por três integrantes do Núcleo Celso Ramos, e associados à Associação Cultural Brasil-Japão. Entre os documentos, há mensagens escritas para a publicação do livro – de autoridades políticas, cônsules e de outras instituições. Em seguida, observa-se: a letra e a partitura de um hino criado para a “Colônia Celso Ramos”, bem como uma canção intitulada “Unidos Construiremos”; dados geográficos e meteorológicos; lista dos colonos e lotes. A maior parte do livro se destina aos “Fatos Históricos da Colônia”, composta por sequências de datas e a seleção de “fatos”. Logo em seguida, há uma parte sobre a “História da Academia de *Kendô*”, e um conjunto de diversos artigos de jornais e revistas escritos pelos integrantes da colônia (de distintos períodos). Ao final, há um recenseamento das famílias do Núcleo Celso Ramos, feito pelos próprios organizadores.

Observando esta descrição da organização do livro, não é difícil perceber o volume e a variedade da documentação reunida. Ainda nas últimas considerações, um dos membros da Comissão afirma: “Ao reler este livreto salta aos olhos que está incompleto e não sou capaz de me sentir satisfeito com o trabalho final”.⁸ Uma de suas intenções era a de produzir um livro no qual ficaria “gravada a história da colônia”, já que “A história continua para que o Núcleo Celso Ramos também continue”.⁹

A mensagem sobre a elaboração do livro expressa uma grande preocupação com o “esquecimento” da história, a perda das memórias, principalmente porque este “esquecimento” somente ganha sentido se há o medo das rupturas que possivelmente cortariam a continuidade, esta traduzida como a expectativa depositada nas gerações seguintes. Os temores

⁷ OGAWA, Kazumi; KAYAMA, Haruhiko e YAMAMOTO, Kazunori (orgs.). **O Caminho dos 40 anos da colônia Celso Ramos**. Curitiba (SC); Florianópolis: Associação Cultural Brasil-Japão de Núcleo Celso Ramos, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (IOESC), 2004.

⁸ Idem, 2004, p.159.

⁹ Ibidem.

sobre estes “cortes da continuidade” se encontram, talvez, nos ouvidos indiferentes à testemunha do tempo, a qual quer fazer-se ouvir, mas não encontra a sua amplitude imediata nas gerações seguintes: não há ou há poucas testemunhas “que não vão embora, que conseguem ouvir a narração”.¹⁰ Talvez os temores da ruptura se encontrem no desânimo dos jovens com o trabalho agrícola, que não mais lhes é suficiente como condição de vida; nas mudanças tão avassaladoras do mundo globalizado sobre a agricultura de pequena e média produção. Ou se encontra mesmo na percepção de um tempo que passa veloz, que traz o medo de perder ao vento as histórias escritas, as histórias nunca escritas, os registros mal conservados e, paradoxalmente, encontra-se em um tempo que representa a estagnação, e que por isto mesmo, quer a mudança desta condição. Estas são algumas preocupações encontradas nas entrevistas realizadas com migrantes e não migrantes do Núcleo Celso Ramos, e que expressam, além dos seus receios e anseios, as distintas formas de sentir o tempo – tanto da “juventude”, como daqueles que são chamados de *isseis* –, perceptíveis nas narrativas sobre a migração.

Os movimentos migratórios, de uma forma ou de outra, sempre estão presentes, em todas as gerações: tanto os *isseis* quanto seus descendentes (filhos e netos). Os primeiros imigrantes japoneses chegaram entre os anos de 1964 e 1965 nesta região de Curitibanos. Este era um momento dos projetos nacional-desenvolvimentistas, em que a “modernização agrícola” começava a movimentar acordos, sendo alguns deles os contratos de imigração e colonização entre o Governo do Estado de Santa Catarina – principalmente através do Instituto de Reforma Agrária de Santa Catarina (IRASC) – e a Empresa Japonesa de Imigração (JAMIC), situada em Porto Alegre (RS).¹¹ Através da “imigração tutelada”¹² e redes

¹⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs) **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2001. p.85-94.

¹¹ MARTINELLO, André Souza, CARVALHO, Ely B. de. Japoneses em Santa Catarina: etnicidade e modernização agrícola. In: CARNEIRO, Maria Luiza T., TAKEUCHI, Marcia Y. **Imigrantes japoneses no Brasil**: trajetória, imaginário e memória. São Paulo: Editora da Universidade e São Paulo, 2010. p.97-121.

¹² SAKURAI, Célia. Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada. In: FAUSTO, B. (org.). **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Edusp, 1999. p. 201-238. Especialmente p.238.

de relações,¹³ muitos imigrantes japoneses se direcionaram à região de Curitiba – pela migração do Japão para o Brasil, mas principalmente pela migração interna –, participando da fundação do Núcleo em 1965 e se inserindo como “agricultores modelo”.¹⁴ Este fluxo migratório para o Núcleo Celso Ramos foi intenso e contínuo até a década de 1970.

A partir dos meados da década de 1980, o Núcleo começa a vivenciar outras experiências migratórias. Da mesma forma que em outras regiões do país,¹⁵ imigrantes japoneses e seus descendentes do Núcleo Celso Ramos começaram a se direcionar ao Japão, inserindo-se no mercado de trabalho japonês, principalmente nas áreas industriais. Fazendo parte do fluxo nacional de migrantes para o Japão (o denominado “Movimento Dekassegui”),¹⁶ o fluxo migratório do Núcleo Celso Ramos se intensificou

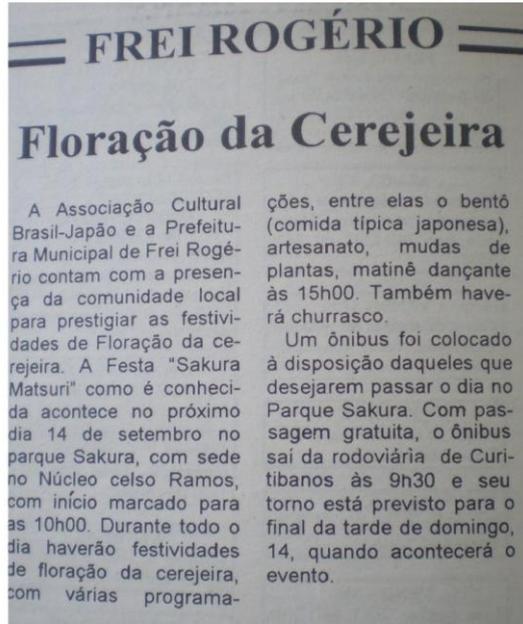
¹³ UEMURA, Karoline K. **Entre relatos, pés-de-meia e re(des)encontros: experiências de migrantes do Núcleo Celso Ramos (SC) rumo ao Japão e vice-versa (1980-2009)**. Florianópolis, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC).

¹⁴ Segundo Martinello e Carvalho, “Os jornais e a documentação estatal utilizavam a expressão ‘fruticultores japoneses’, considerados como aqueles que, a partir dos seus trabalhos, conquistariam o ‘progresso econômico’”. (MARTINELLO; CARVALHO, 2010, p.97-121). Neste sentido, documentos oficiais e jornais construíam representações a respeito do imigrante japonês provido de “vocação agrícola”, que ensinaria técnicas agrícolas aos agricultores brasileiros.

¹⁵ Segundo a antropóloga social Gláucia de Oliveira Assis, a cidade de Governador Valladares (MG) se insere no contexto das migrações internacionais para os Estados Unidos nesta mesma década, e com maior intensidade na década de 1990, por conta de uma grave crise econômica no país. ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui, estar lá... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos**. Campinas: NEPO – Núcleo de Estudos de População, 2002. (Coleção Textos NEPO). Website: <www.nepo.unicamp.br/textos_publish/publicacoes/textos_nepo_41.pdf>. Acesso em: 05/03/2012.

¹⁶ A partir das referências da socióloga Elisa Massae Sasaki, *dekassegui* significa “trabalhar fora de casa”, e se referia àqueles que migravam temporariamente, principalmente do norte e nordeste do Japão, para áreas desenvolvidas, quando o inverno interrompia as atividades agrícolas nesses locais. Posteriormente, este termo foi empregado aos *nikkeis* (descendentes de japoneses nascidos fora do território japonês) que se inseriam no mercado de trabalho no Japão “temporariamente”, exercendo atividades de baixa qualificação. O mercado de trabalho não qualificado era representado pelos japoneses pelos “3K”: *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso) e *kitsui* (penoso). O emprego deste termo sofre transformações quanto às representações ao qual era associado, a partir da perspectiva dos próprios imigrantes. SASAKI, Elisa Massae. Movimento Dekassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999. Deve-se levar em consideração que, em junho de 1990, uma reforma na Lei de Controle de Imigração do Japão entrou em vigor, visando o controle sobre a imigração não documentada e a adoção de um processo seletivo e restritivo de imigrantes desejáveis – ou seja, os descendentes dos imigrantes japoneses que viviam no exterior (SASAKI, 1999).

na década de 1990, quando 30% dos integrantes da colônia, em 1992, encontrava-se no Japão.¹⁷ Nesta mesma década, em 1997, um jornal de grande circulação em Curitiba – o *A Semana* – anunciava uma chamada tímida da primeira edição do *Sakura Matsuri*, em 1997, na seção destinada às notícias do recém-emancipado município de Frei Rogério:¹⁸



Jornal *A Semana*, 6-12 set.1997, Seção Frei Rogério, p.16.

Este anúncio não informa o número da edição da festa. No entanto, nos anos anteriores, o jornal *A Semana* não havia feito nenhuma menção à festa, e segundo o livro da comemoração dos quarenta anos do Núcleo, a primeira edição teria sido anunciada no ano de 1997 e organizada pela Associação Cultural Brasil-Japão.¹⁹ O interessante é perceber que, antes mesmo da divulgação do *Sakura Matsuri*, alguns eventos internos já

¹⁷ OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO (orgs.). **O Caminho dos 40 anos da colônia Celso Ramos**, op.cit.

¹⁸ Jornal *A Semana*, Curitiba, ano XIV, n.734, 06 a 12 de setembro de 1997, p.16 (seção Frei Rogério).

¹⁹ OGAWA; KAYAMA; YAMAMOTO (orgs.). **O Caminho dos 40 anos da colônia Celso Ramos**, op.cit.

ocorriam no Núcleo Celso Ramos, como por exemplo, o *Undokai*,²⁰ gincana citada por Daniel, imigrante japonês que chegou ao Brasil em 1976:

D: Hum... Antes, por exemplo, *Undokai*, é... 50, 60 famílias. Com muita pessoas, né. Esse evento para nós, para japonês, para colônia, é... interno. Não precisa participar brasileiro, sabe? Para nós é... brincadeira. Mas quando falta, mais nós [referindo-se aos japoneses e seus descendentes da colônia]... Muda pouco a pouco, cada ano diminui japonês. Aí, precisa chamar brasileiro para ajudar, para participar, aí conti.. aí todas as coisas acontecem assim, também usando pensamento, sabe? [...] Aí então, todos, todos eventos, primeiro, para nós. E depois é... quando começou *dekassegui*, faltou pessoa, todos eventos, primeiro precisa ajudar, participante, [para] acontecer assim. Depois, mudando, para, o mais importante, transmitir cultura. Para.. para fora, né, para brasileiro.²¹

No Japão, Daniel era um estudante de Direito em Tóquio e trabalhava em um escritório nesta mesma cidade. Neste mesmo curso, conheceu outra estudante de Direito, com quem se casou antes mesmo de migrar para o Brasil. A decisão de vir ao Brasil partiu de uma conversa com seu pai, na qual Daniel demonstrou o seu descontentamento com a profissão. Apesar de ter escolhido o curso de Direito, Daniel chegou à conclusão de que não queria trabalhar com leis. Somado a isto, seu emprego no escritório em Tóquio era temporário. Na conversa com seu pai, este lhe sugeriu a ideia de “conhecer outro mundo”. Após seu pai contatar alguns conhecidos, no caso, japoneses que já se encontravam no Brasil, Daniel decidiu migrar. Teria apoio de um conterrâneo e onde ficar. Um destes contatos era justamente um imigrante japonês que vivia em Frei Rogério (Santa Catarina) e integrava o Núcleo Celso Ramos. Inicialmente, a intenção de Daniel era permanecer dois anos no Brasil e retornar ao Japão. Contudo, seus planos iniciais mudaram, e Daniel tomou a decisão de construir a sua vida no Brasil. Segundo o mesmo, o convívio com os imigrantes japoneses do Núcleo Celso Ramos fez com que ele sentisse uma

²⁰ Gincana realizada anualmente no Núcleo Celso Ramos, e prática cultural realizada desde as primeiras migrações de japoneses no início do século XX.

²¹ Entrevista com Daniel [08 out. 2011] Entrevistadora: Karoline Kika Uemura. Frei Rogério, SC, 2011. Projeto de mestrado “Antes que as flores caiam: memórias e vivências acerca das migrações entre o Núcleo Celso Ramos (SC) e o Japão (1990-2010)”.

relação mais próxima com os mesmos. Sentia-se parte de uma “comunidade”.

Durante a entrevista, com algumas dificuldades ao expressar-se na língua portuguesa, Daniel faz uma observação importante, no que se refere a uma mudança nos eventos realizados no Núcleo Celso Ramos. A diminuição de “japoneses”²² no Núcleo, a partir do Movimento *Dekassegui* em 1990, foi um grande impacto em relação à organização dos eventos. O Núcleo sofria uma dupla mudança: ao mesmo tempo em que ocorria o esvaziamento do Núcleo Celso Ramos, este também abria as suas portas para a participação de brasileiros nos eventos do Núcleo, não somente para sua montagem ou organização, mas para a “transmitir a cultura” japonesa. Havia então, a preocupação com sua continuidade.

Na continuação da entrevista, Daniel comenta que “sabe é... esse esvaziar *dekassegui*, não é só uma vez aconteceu, né. Cada ano, pouco a pouco, vai pessoa. Então é... naturalmente, nós também, ‘tá, ‘tá acompanhando a... essa situação”.²³ Não somente japoneses e seus descendentes iam para o Japão com grande intensidade nesta década de 1990, como também foram mais de uma vez. Em pesquisa anterior,²⁴ com base nas trajetórias migratórias de nove entrevistados, observou-se que sete migraram mais de uma vez para se inserirem no mercado de trabalho japonês durante as décadas de 1990 e 2000. O esvaziamento do Núcleo Celso Ramos ocorre de forma gradual, principalmente na década de 1990, com grande intensidade migratória de idas e vindas entre Brasil e Japão.

É neste contexto em que a primeira edição do *Sakura Matsuri* é anunciada, e ainda enuncia: “Celso Ramos te espera de braços abertos. Programe-se”.²⁵ Como metáfora da abertura cultural do Núcleo Celso Ramos para os brasileiros da região, o *Sakura Matsuri* é criado em um momento de preocupação com a “transmissão” cultural ou, melhor dizendo, com a divulgação da cultura japonesa. Uma divulgação realizada em um momento de esvaziamento do Núcleo Celso Ramos. No entanto, os significados desta “abertura” do Núcleo Celso Ramos perpassam pelas

²² Os “japoneses” são todos aqueles que não são brasileiros, ou seja, para Daniel, os imigrantes japoneses e, paradoxalmente, incluindo os seus descendentes, já que faz referência ao Movimento *Dekassegui*, constituído em sua maioria por descendentes de japoneses.

²³ Entrevista com Daniel [08 out. 2011], op.cit.

²⁴ UEMURA, **Entre relatos, pés-de-meia e re(des)encontros**, op.cit.

²⁵ *Jornal A Semana*, Curitiba, ano XIV, n. 734, 06 a 12 de setembro de 1997, p.16 (seção Frei Rogério).

distintas percepções entre seus integrantes sobre “cultura japonesa”, pelas experiências migratórias e pelas diferentes formas de sentir o tempo.

“Virando geração”: juventude e formas de sentir o tempo

Em 1989, aos 19 anos, Flávia decidiu ir trabalhar no Japão. As referências que tinha deste país eram as que acreditava ter aprendido no Núcleo Celso Ramos através dos ensinamentos de seus pais e da convivência com outros imigrantes japoneses no Núcleo: as formas comportamentais hierárquicas, como a de se portar diante dos mais velhos; a língua japonesa ensinada para a conversa e escrita fluente; a atividade física e filosófica do *Kendo*, que lhe exigia o conjunto dos dois primeiros ensinamentos citados. No entanto, havia outras referências sobre o Japão. Não eram aquelas sobre as quais ouvira de seus pais, mas foram trazidas por uma de suas irmãs: eram fotos de uma viagem realizada ao Japão, que retratavam suas novas tecnologias, como as “maquininhas de refrigerante”. Nesta mesma época, o pai de Flávia enfrentava a crise econômica brasileira do final da década de 1980, assim como outros agricultores. Com os financiamentos que não poderiam ser pagos, o banco ameaçava lhes retirar as terras. Foi o momento em que seu pai migrou, e ao retornar estimulou a sua filha a ir para o Japão trabalhar, ainda mais porque Flávia precisava terminar os seus estudos no curso de agronomia. Flávia e seu pai já faziam parte do fluxo migratório que partia do Núcleo Celso Ramos para o Japão, assim como do fluxo denominado Movimento *Dekassegui*.

Em uma entrevista realizada no ano de 2009 com Flávia, aos 39 anos, ela compartilhou algumas de suas percepções a respeito deste momento da migração entre Brasil e Japão:

[...] a era de *dekassegui* enfraqueceu muito as colônias. Muitas colônias no Brasil desapareceram, porque famílias foram embora. Houve uma emigração muito grande, e hoje estão retornando. Até que eu retornei, e retornei e ‘to contribuindo. Minha ação lá, [na colônia] eu sinto que o pessoal é grande, né, porque, quando eu retornei a... Os eventos eram muito fracos de, digamos, em termos de participação da comunidade. As pessoas

não iam, iam lá beber e pronto, só conselhos e conselhos e não saía disso aí, né.²⁶

Neste mesmo sentido, Daniel compartilha suas percepções a respeito do impacto do Movimento *Dekassegui* no Núcleo Celso Ramos:

[...] sobre colônia, é... Não ‘tava bom, porque pouca pessoa, ainda mais que sai da fora. Aí então, fica fraco sabe, porque força vem de pessoa. Aí fica ponto muito negativo para colônia. Mas, outro lado, eles ‘tá aprendendo, principalmente jovens, aí aprende o costume, ou conhece cultura japonesa, costume japonês. Aí, qualquer volta, muito... Eu acho que força pra colônia. Mas quem não volta, fazer o que, né?²⁷

Tanto Daniel quanto Flávia falam a respeito deste “esvaziamento” de pessoas, que começa a ser percebido principalmente na realização dos eventos no Núcleo Celso Ramos. Essas pessoas são – como dizem Flávia e Daniel – famílias e “jovens”, que se direcionaram para o Japão, principalmente na década de 1990. O esvaziamento foi um grande impacto no Núcleo Celso Ramos, considerada a ênfase dada pelos entrevistados: não por ser explicitamente visível em um determinado ano, mas perceptível nas narrativas sobre o “enfraquecimento” do Núcleo. Segundo Daniel,

[...] primeiro, precisa volume de pessoas, para qualquer coisa a fazer. Para trabalhar, para estudar, são todas as coisas. Aí então, pouca pessoa, menos força, tipo energia, falta energia. Pensamento também falta. É, muita coisa aconteceu. Uma coisa a... por exemplo, uma coisa que decide é... é... Assunto colônia, aí pouca pessoa diretamente. Não é briga, mas, opinião bate diretamente, sabe? Se tiver muita pessoa, a.. entrando bastante é, é.. para-choque, sabe, não fica bem direto né, de...de... Contra opinião.²⁸

²⁶ Entrevista com Flávia [15 abr. 2009]. Entrevistadora: Karoline Kika Uemura. Curitiba, SC, 2009. Entrevista realizada para a pesquisa que resultou em TCC anteriormente citado (UEMURA, **Entre relatos, pés-de-meia e re(des)encontros**, op.cit.).

²⁷ Entrevista com Daniel [08 out. 2011], op.cit.

²⁸ Idem.

O “enfraquecimento” tem significados que vão além da ausência ou da falta do “volume de pessoas”. Significa, também, uma mudança no cotidiano daqueles que ficaram, nas redes de sociabilidades, nas tomadas de decisões sobre o Núcleo Celso Ramos, da mesma forma em que a ausência é sentida na realização dos eventos. Como bem salienta Daniel, “pensamento também falta”, as ideias. No entanto, Daniel coloca um ponto importante sobre o “esvaziamento”: mesmo que essa ausência tenha sido sentida ao longo da duração do Movimento *Dekassegui*, o “enfraquecimento” parece ter sido “temporário”. Daniel deixa essa percepção em sua narrativa, já que conta com o retorno de alguns dos migrantes que partiram para o Japão. Para ele, a ida dos jovens para o Japão significa “aprender o costume japonês”, e quando esses jovens retornam ao Núcleo Celso Ramos, trazem “força pra colônia”.

A expressão “jovens” aparece por diversas vezes ao longo das narrativas, com sentidos distintos – seja para se diferenciar, ou mesmo na construção de um grupo ao qual se pertence. No entanto, os jovens são sempre vistos como um grupo, que fica mais explícito quando, no ano de 2011, emerge o “*Seinenkai*” (grupo de jovens) no Núcleo Celso Ramos, novamente com os “jovens” reivindicando maior espaço nas decisões sobre os eventos no Núcleo Celso Ramos. A pergunta que surge quando as narrativas se tecem seria: o que se concebe pela expressão “jovem”, o que abarca? A pergunta inicial poderia ser: o que é “ser jovem”? No entanto, assim como os múltiplos fios que formam uma malha não totalmente definida e nem homogênea, “ser jovem” significa atravessar diversas temporalidades na construção da juventude na colônia de japoneses do Núcleo Celso Ramos.

Segundo Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, há uma dificuldade de definir “juventude”, seja porque não há uma definição válida para todas as épocas, e mesmo pelos múltiplos estudos em diversas áreas. Juventude é uma construção social e cultural e caracteriza-se pelo seu caráter de limite: “se situa no interior das margens móveis entre a dependência infantil e autonomia adulta, se explica melhor pela determinação cultural das sociedades humanas”.²⁹ Durante a entrevista com Daniel, ele conta sobre uma mudança de fase na qual os jovens ganham relevância:

²⁹ LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). **A história dos jovens: da Antiguidade à Era Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v.1, p.8.

D: É... eu acho que, depois de 40 anos, mudou totalmente [o Núcleo Celso Ramos]... Não é totalmente, muita coisa mudando para outra fase, aqui na colônia. Eu acho. É... o mais, mais ponto, ponto importante, é participação de jovens. Já, nós ficamos velho, é... Meus filhos já mais ou menos, faixa dos 20, 30 anos e... Agora... a... época deles, né? Então muita coisa vai mudar, já tá mudando, sabe. Esse é um ponto muito importante. Então, mas é... Desde começo do colônia, mais ou menos, “futuramente quero fazer assim”, tipo plano, mais ou menos, anda nesse é... direção. E talvez... talvez, né... é... Meus filhos também, entendendo e participando, e talvez, em frente. Eu acho. Época de agora é... ‘tá virando geração, sabe? Então, muito importante, ‘tá... ‘tá continuando, e vai melhorar, acho.

K: Sim, e quando você fala em mudanças, é... você poderia me dar algum exemplo de mudanças, assim, que foram marcantes aqui na colônia?

D: Hum... (tosse) é... Participação para, para... para...(falando em japonês) (risos). Não sei palavra em português (risos) Hum... como diz...(risos) é... Mais fácil exemplo. É entrando o... Entrando na diretoria da associação, é, jovens, né. Até agora a.. *issei*, sempre ‘tá dirigindo, usa a língua japonesa, sem português, mas é... 5 anos pra cá, aí misturando português. Agora maioria português. Então, esse é, sentindo mais fácil, achar mais fácil sobre isso, nesse sentido, né.

K: Entendi.

D: Mas... é... pensamento, valorização pouco diferente que *issei* sabe. É, *nissei* é uma parte brasileiro. Sistema brasileiro, né. Então, às vezes não acompanha pensamento *issei*, *nissei*. Eu acho que isso acontece em todas as colônias, no Japão também, pai e filhos também, sempre tem diferença, né.

K: Tu poderias me dar um exemplo assim, que talvez tenha marcado, se quiseres, se você puder, por exemplo, dessa... Por exemplo, dessa diferença de pensamento entre *issei* e *nissei*. Algum caso que tenha acontecido.

D: Hum, por exemplo a... Quando fazer evento, não só *issei*, nem pensa, não valoriza o seu trabalho, sabe. Todos voluntário, todos voluntário. Tem, quando tem evento, sempre é... particularmente sempre tem serviço na lavoura. Mas deixar assim, e colaborar e fazer é... evento. Mas talvez, *nissei*, meio brasileiro, ou maioria parte brasileiro, aí... não pensa isso, sabe? Precisa valorizar meu trabalho para, para... participação de evento. Mas aqui no colônia, talvez menos, do que outro lugar, né. Mas, às vezes, sentindo assim, sabe?³⁰

Neste trecho da entrevista realizada com Daniel, observa-se a tentativa de demarcação de um tempo não bem definido, a partir da expressão “geração”. Aqui, esta palavra designa uma “virada de tempo”, o tempo de seus filhos, ou em suas palavras, “virando a geração”. Para Daniel, “geração” significaria uma mudança que envolve questões étnicas e geracionais, demarcadas pela distinção entre *isseis* (primeira geração, nascidos na Japão e que migraram para o Brasil – no caso do Núcleo Celso Ramos, no período pós-1945) e *nisseis* (segunda geração, filhos de imigrantes japoneses, e nascidos no Brasil). No entanto, falar em “gerações” implica perceber a sua não delimitação. Segundo o professor de ciências históricas Jean-François Sirinelli, a geração pode ser considerada uma “escala móvel do tempo”, e portanto não existe “geração-padrão”: “em nenhum dos casos podemos distinguir nela uma estrutura cronologicamente invariável, que transcende épocas e países”.³¹ Neste sentido, a tentativa de “definir” de forma conclusiva e fechada o que se considera “geração” pode ser perigosamente uma iniciativa padronizadora, desconsiderando as particularidades e subjetividades das narrativas.

Ao falar sobre a vez de outra geração, Daniel a associa às mudanças. Não somente esta “virada de geração” é representada pelos *nisseis*, como também é representada pelos “jovens”. A mudança é percebida nas relações interétnicas, já que essa nova geração de “jovens” é constituída em sua maioria por “*nisseis*”, os quais, nas palavras de Daniel, “é uma parte brasileiro”. Observa-se neste ponto da narrativa a construção de representações e identidades designadas por Daniel para tentar explicar a constituição do grupo de *nisseis* como “outra” geração; mesmo Daniel se

³⁰ Entrevista com Daniel [08 out. 2011], op.cit.

³¹ SIRINELLI, Jean-François. A Geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 137.

distancia desta geração, quando no início deste trecho da entrevista coloca que agora é a “época deles” [de seus filhos]. Neste sentido, nas palavras de Sirinelli, a geração pode ser

[...] um fato cultural, por um lado modelado pelo acontecimento e por outro derivado, às vezes, da autorrepresentação e da autopromoção: o sentimento de pertencer – ou ter pertencido – a uma faixa etária com forte identidade diferencial.³²

Daniel ainda fala a respeito das diferenças entre *isseis* e *nisseis*. Para ele, os *nisseis*, que já são “meio brasileiros”, além de trazerem mudanças em relação à dinâmica das reuniões – estas não são mais realizadas apenas na língua japonesa, mas também em língua portuguesa –, precisam “participar mais dos eventos, valorizar o trabalho”. Ao final, Daniel explica: “Mas aqui no colônia, talvez menos, do que outro lugar, né. Mas, às vezes, sentindo assim, sabe?”. As distinções entre *isseis* e *nisseis* colocadas por Daniel perpassam pelas diferenças de valores e ajudam a pensar no que se entende por geração nesta narrativa, assim como tantas outras parecidas concedidas, principalmente pelos *isseis*.

Segundo Sirinelli, “a geração é seguramente uma peça essencial da ‘engrenagem do tempo’, mas cuja importância pode variar conforme os setores estudados e os períodos abordados”.³³ Neste caso, ao falar sobre “geração”, Daniel distingue duas gerações – *isseis* e *nisseis* – através de representações, sobretudo sobre os *nisseis*: uma geração em que por vezes sente-se a indiferença quanto aos valores relevantes aos *nisseis*, uma geração de jovens que não é determinada por uma faixa etária. Neste sentido, considera-se que as sociedades sempre construíram a juventude como um fato social instável; pertencer a uma determinada faixa etária representa uma condição provisória. “Os indivíduos não pertencem a grupos etários, mas os atravessam”.³⁴

Nas entrevistas realizadas com migrantes que partiram do Núcleo Celso Ramos na década de 1990 e retornaram na década de 2000, outros pontos interessantes começam a aparecer nas narrativas. Dando continuação

³² Ibidem, p. 133.

³³ Ibidem, p. 137

³⁴ LEVI; SCHMITT (orgs). **A história dos jovens**, op.cit. p.9

à entrevista de Flávia, esta se identifica por vezes como *nissei*, e por outras *sansei*,³⁵ afirmando que

[...] aqui tem muito daquele lado autocrático. Que tem que ser assim. Quando conversando, né? Esse negócio de que “tem que fazer, porque eu ‘to mandando” não cola comigo (risos) [...] Eu sou uma geração que chegou assim... o *Nihonjinkai* (“associações de japoneses”), ali, sempre foi governado pelos *isseis*. Agora ‘tá chegando o ponto de que os *nisseis*, que entendem o outro lado, que começam a ter a visão deles e contribuir muito pra que as coisas funcionem melhor, né. Porque não pode ser uma comunidade isolada, não...num país que... Eles começaram, é um impacto que os *isseis* tão sentindo. E nós *nisseis* que compreendemos que temos que remediar isso aí tudo. Isso aí, ‘to sofrendo na pele isso aí, essa diferença. Mas graças a Deus! Esse lado de compreender tanto um lado ou outro. A gente consegue.³⁶

Neste trecho da entrevista com Flávia, percebe-se que novamente aparecem as distinções entre *isseis* e *nisseis*, e da mesma forma são representados como “gerações” distintas. A associação de japoneses, no caso a ACBJ, nas palavras de Flávia, foi sempre “governado pelos *isseis*”, e as mudanças estão sendo sentidas de forma impactante, pois os *nisseis* vêm chegando como uma geração que tenta resistir ao lado “autocrático”, ganhando maior espaço na parte administrativa da associação.

Já José, agricultor que migrou para o Japão em 1999 pela primeira vez, aos seus 32 anos (idade que tinha quando a entrevista foi realizada), diz que, comparando o Núcleo Celso Ramos e o Japão,

[...] eu senti uma diferençazinha. Mas é... Assim, na verdade, as culturas são as mesmas, é igual né, claro. Só que aqui, o *Bon Odori*, essas danças que a gente faz, preserva aquilo desde antigamente, do tempo dos pais,

³⁵ *Sansei* seria a geração formada por netos de imigrantes japoneses, e já nascidos no Brasil. No caso de Flávia, há algumas dúvidas colocadas pela própria entrevistada, já que sua mãe já teria nascido no Brasil (*nissei*), e por tanto, Flávia seria *sansei*. Porém, seu pai nasceu no Japão, e portanto Flávia se identifica também como *nissei*.

³⁶ Entrevista com Flávia [15 abr. 2009]. op.cit.

quando vieram do Japão. Daí quando fui lá eu achava que era parecido, desse tipo também, mas é... Bem diferente não digo, mas é diferente, né.³⁷

A partir deste trecho da entrevista, é possível ressaltar dois pontos relevantes: as diferenças entre práticas culturais e as representações do tempo. O tempo é representado como o “tempo dos pais, quando vieram do Japão”, aquilo [prática do *Bon Odori*] de “antigamente”. José não necessariamente utiliza o termo “geração”, mas constrói representações do tempo que distinguem as práticas culturais realizadas no Núcleo Celso Ramos e o Japão, e principalmente o “tempo dos pais” como um “prolongamento do passado”.

Observando as duas entrevistas realizadas com Daniel e com Flávia, percebe-se que ambos salientam e distinguem duas gerações no Núcleo Celso Ramos, representadas por *isseis* e *nisseis*. Não há um limite claro quanto à periodização ou limitações com base em faixas etárias, mas há distintas formas de percepção do tempo: o “tempo dos filhos”, do agora, significativo já que Daniel e Flávia demonstram uma mudança que ainda está ocorrendo, e não se deu por encerrada. A geração de *nisseis*, ou em suas palavras, dos “jovens”, começa a ganhar mais espaço nas decisões do Núcleo Celso Ramos, tanto na parte administrativa da Associação Cultural Brasil-Japão, quanto na realização dos eventos (um destes, o *Sakura Matsuri*). Há ainda o “tempo dos pais”, sentido e percebido por José como uma presença relacionada ao passado, da preservação do mesmo. No entanto, o que José considera em continuação na entrevista não se trata de um passado morto, da impossível manutenção intacta de tradições, mas sim, da constante ressignificação de práticas culturais e de memórias no presente. Aqueles que estão há mais tempo no Núcleo sentem as mudanças no presente, que não rejeita o espaço de experiência,³⁸ mas distingue o presente

³⁷ Entrevista com José [16 dez. 2009]. Entrevistadora: Karoline Kika Uemura. Frei Rogério, SC, 2009. Entrevista realizada para a pesquisa que resultou em TCC anteriormente citado (UEMURA, **Entre relatos, pés-de-meia e re(des)encontros**, op.cit.).

³⁸ A partir das palavras do historiador Reinhart Koselleck: “a experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. [...] Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento e experiências alheias”. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC/Rio: 2006. p.309.

do passado nas representações do tempo nas narrativas, sem negar a estreita relação que estas duas temporalidades possuem.

Considerações finais

Entre o final da década de 1980 a 1990, observa-se um fluxo migratório que vai se intensificando do Núcleo Celso Ramos para o Japão, constituído principalmente pelos descendentes de imigrantes japoneses. O “esvaziamento” foi sentido por aqueles que permaneceram no Núcleo, momento em que estes inauguram o *Sakura Matsuri* – a festa da florada das cerejeiras, cuja organização e participação contava claramente com os brasileiros. Daniel tenta explicar esta relação:

E... nós, também crescendo meus filhos, conversa sobre esse ponto. Por exemplo, sobre cultura japonês, entre cultura brasileiro, né. Com... qual é a relação melhor. Aí precisa... para transmitir nossa cultura a...algum.. parte boa para brasileiro, e brasileiro para nós...para descendente de japonês, né. Para intercâmbio. Aí então, primeiro aconteceu é... fisicamente, precisa pessoa pra ajudar a participar, mas depois, mais é.. parte filosofia, ou pensamento que o ma... mudando para o nosso pensamento.³⁹

Em outro trecho da entrevista de Flávia, ela também diz:

Eu acho que, a cultura [japonesa], eu me identifico, as raízes são... me identifico, sim. Tudo bem que sim, no meio dessa cultura. Mas muitas coisas que a gente foi educada na cultura ocidental, a gente, é adquirida também, a gente compreende os dois lados. Então a gente é um ponto de equilíbrio, na verdade, a gente entende o lado ocidental, a cultura, como o oriental. E não pode ser tão extremo, né. Então eu acho que é uma dádiva isso aí pra nós. Que a gente entende os dois lados [...]⁴⁰

³⁹ Entrevista com Daniel [08 out. 2011] op.cit.

⁴⁰ Entrevista com Flávia [15 abr. 2009]. op.cit.

Os *nisseis*, identificados como os filhos de imigrantes japoneses, possuiriam estes “dois lados”: nas palavras de Flávia, seriam o “ponto de equilíbrio” nas relações interétnicas. A “compreensão dos dois lados” demonstra aqui as negociações de identidades que se constituem na experiência migratória e tem como base as memórias que emergem nas narrativas. O “ponto de equilíbrio” expressa uma identidade hifenizada, à qual o historiador Jeffrey Lesser se refere ao abordar a negociação de identidades de imigrantes de diversos grupos étnicos no Brasil durante o século XX:

[...] as etnicidades trazidas e construídas por esses imigrantes eram situacionais, e ‘não ‘identidades primordiais imutáveis’. Em diversos momentos, os imigrantes e seus descendentes puderam abraçar sua ‘niponicidade’ ou sua ‘libanicidade’, tanto quanto a sua ‘brasilidade’.⁴¹

Dialogando com a entrevista concedida por Daniel, este também coloca os *nisseis* em uma posição de negociação, já que, a partir destes, mais que um diálogo maior possível com os brasileiros, observa-se o sentido de continuidade, quando Daniel salienta a “transmissão da cultura japonesa”.

Esta preocupação com a continuidade não se revela apenas em um momento de “esvaziamento” do Núcleo Celso Ramos durante o período do Movimento *Dekassegui*, mas também no retorno destes imigrantes do Japão ao Núcleo. Na continuação de sua entrevista, Flávia diz:

Daí, vindo jovens, com vontade, trazendo inovações, pessoal também começa a se motivar, então a gente sentiu. Então essa motivação ‘tá tão grande, que eu não sei como a gente vai dar conta de tudo isso!(risos) Isso aí, isso aí, ‘tá revertendo numa situação, tipo assim, e agora? Eu sou única, não posso cuidar de tanta coisa ao mesmo tempo né. Mais pessoas têm que colaborar, mais pessoas, mais jovens têm que retornar e vestir a camisa, e batalhar junto. Porque, realmente é... a Associação tem vinte, é um número bom pra funcionar, mas às vezes dá muita intriga ou menos, é...

⁴¹ LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

sobrecarrega. A gente ‘tá num ponto, assim, mais ou menos vinte famílias que ‘tão sempre ali lutando. Então, por isso que as coisas ‘tão acontecendo.⁴²

Os “jovens” aqui aparecem como intermediários. Mesmo que, sob uma perspectiva mais ampla,

[...] a sociedade plasma uma imagem dos jovens, atribui-lhes caracteres e papéis, trata de impor-lhes regras e valores e constata com angústia os elementos de desagregação associados a este período de mudança, os elementos de conflito inseridos nos processos de integração e reprodução social.⁴³

A juventude exerce um papel de controle social justamente pelos jovens se encontrarem em uma “posição limítrofe, que os transforma em juízes e controladores, intermediários entre os atores sociais ou entre os vivos e os mortos”.⁴⁴ Os jovens são essas pontes que constroem a ligação entre presente, passado e futuro, pois não rejeitam o passado, nem o constroem como repetitivo – muito pelo contrário, o ressignificam no presente, de forma inovadora. No entanto, estes mesmos jovens nunca deixam de ter a preocupação com a continuidade. Afinal de contas, é esta mesma juventude que assume a direção da Associação Cultural Brasil-Japão – seja do Núcleo Celso Ramos, das práticas culturais, ou mesmo das memórias compartilhadas.

Artigo enviado em abril de 2012; aprovado em novembro de 2012.

⁴² Entrevista com Flávia [15 abr. 2009]. op.cit.

⁴³ LEVI; SCHMITT (orgs). **A história dos jovens**, op.cit. p.12.

⁴⁴ Ibidem.